

O governo federal vem promovendo uma política antropológica genocida em relação aos Yanomamis — comunidade que se concentra sobretudo no norte do País, reunindo cerca de vinte e seis mil indivíduos. Tal política se desenvolve por meio de duas vertentes em uma delas, o que existe é antipatia mesmo, intolerância pessoal com a população indígena, preconceito, retrógrada questão de pele; na segunda, em oportunista de corrupção, vê-se o abandono, o descaço e a selvagem escalada de atividades predatórias mais lucrativas. Diante de um crime contra a vida busca-se sempre uma explicação no plano social e antropológico, o que jamais justifica, até porque explicar e justificar são categorias do conhecimento completamente distintas. Tal explicação buscada, muitas vezes, revela terríveis posições ideológicas. É o caso do governo federal e da morte de Yanomamis. É a “banalidade do mal”, ensinada por Hannah Arendt ao se referir à frieza com que amanuenses alemães, durante o nazismo, enviavam judeus aos campos de extermínio, considerando que estavam somente cumprindo as suas burocráticas rotinas — o que não os fez e não os faz menos criminosos.

A FLORESTA ADOCEU

Assim se porta o governo federal brasileiro com os Yanomamis, que serão retratados no Festival Internacional de Cinema de Berlim, no filme intitulado “A última floresta”. O nome do filme diz tudo. Falando-se em cinema, assim se portavam também os personagens de John Wayne na perseguição a Apaches: matavam Apaches apenas porque eram Apaches — e, claro, o resultado final do genocídio era a posse de suas terras. Aquilo que a gestão Jair Bolsonaro coloca cada vez mais em andamento, no entanto, não é filme: é uma dura realidade de um povo sob risco de extinção. “É uma política de genocídio”, diz o pesquisador e médico da Flocruz Paulo Cesar Bata.



RESISTÊNCIA
Yanomamis em rituais nas aldeias: preservação da cultura como forma de luta

Os Yanomamis correm risco de extermínio

O governo federal promove uma política antropológica genocida em relação a essa etnia, retirando-lhe todos os seus direitos constitucionais e obrigando o abandono de territórios que lhe pertencem desde antes da colonização. Força uma brutal aculturação, a ponto de Jair Bolsonaro somente considerar como ser humano o que chama de “índio evoluído”

Mariano Ferrari

O que existe é antipatia mesmo, intolerância pessoal com a população indígena, preconceito e retrógrada questão de pele

“O mais grave é que está sendo financiada pelo governo federal”. No rastro devastador de florestas, bruto e pragmático de que Yanomami bom é Yanomami morto, que atende a preconceitos pessoais de governantes, vêm, principalmente, o agronegócio e o garimpo ilegal. Somente na região norte da Floresta Amazônica, os Yanomamis são obrigados a conviver com cerca de vinte mil garimpeiros não legalizados. “A ONU precisa falar com as autoridades do Brasil”, diz o líder Yanomami Davi Kopenawa.

Além disso, os Yanomamis não contam com assistência à saúde e ainda assistem ao desmantelamento dos órgãos de defesa de seus povos. “Chega de perdemos os nossos velhos. Chega de perdemos os nossos filhos. Não queremos mais chorar”, diz o também líder Yanomami Dario Kopenawa. Os rios de choro tem motivo: segundo o Instituto Socioambiental, registra-se um crescimento de 250% em novos casos de contaminação.

“Por dentro não estamos bem, estamos adoecidos. Nossa floresta adoceceu”, diz uma indígena Yanomami e Ye’Kwana. Tudo isso se dá em um recorte político de desterritorialização da população indígena, desconstitucionalização de direitos previstos na Carta Magna e no assassinato de uma cultura por meio da estúpida aculturação — ou, como quer Jair Bolsonaro, em seu pauperismo e discriminatório vocabulário, que os Yanomamis se tornem “índio evoluído”. Essa política indigenista não é nada diferente daquela que foi colocada em prática em um dos mais obscurantistas períodos da história brasileira, ao longo do regime de exceção da ditadura militar. “Não há perspectiva de melhora alguma”, diz o secretário executivo do Observatório de Direitos Humanos dos Povos Indígenas Isolados, Leonardo Lenin Santos. “O que temos é a grande resistência dos Yanomamis e é com isso que contamos para barrar essa política assassina do governo”.



YANOMAMIS
Os líderes Davi e Dario da diriz: “Chega de perdemos nossos velhos. Chega de perdemos nossos filhos”

